

1936 - FLAMINGHI APRENDIZ DE LITÓGRAFO
- TUDO COMEÇOU PORQUE GOSTAVA DO DESENHO

[...]

Era 1936, o sr. Francisco Gheraldi levou-me para a Melhoramentos – 19 de março de 1936. Ajuda de custo 40 mil réis mensais (ganhava 300 no armazém) - mesmo assim valeu à pena – desenhava o dia todo. Comecei a vislumbrar o futuro – estava deslumbrado – desenhar o dia todo e ainda receber algum!

Concomitantemente entrei para o Liceu de Artes e Ofícios para estudar.

Fui para o estúdio litográfico como aprendiz, onde só de olhar os profissionais executarem, aprendia-se muito, e eu não perdia nada do que acontecia a minha volta – sempre calado com muita disciplina e respeito.²

Lembro-me dos profissionais: Sr. José Deuz – o chefe, Sr. Amilcare Barbuy, o gravador, Giovanni Oppido (hoje pintor), Alfredo Bontempo (mais tarde meu sócio no Grafstudio) cromistas, entre outros.

Minha ida para o estúdio litográfico do Sr. Luiz Benazzatto (Rua Brigadeiro Tobias, esquina Seminário) por se encontrar no centro da cidade, mudou muito os rumos de minha vivência.

[...]

A minha mudança para o estúdio Benazzatto significou profissionalmente, como litógrafo (ainda artesanal, litografia sobre pedra e zinco) a emancipação também financeira em termos de salário. Eu tinha 20 anos e ganhava mais que muitos chefe de famílias com muitos filhos.

Se por um lado, ganhar mais proporcionou maiores facilidades na compra de discos e livros e a freqüência nos teatros, cinemas e em ambientes mais adequados para uma minha melhor formação, por outro lado tornou a idéia de ser pintor, idéia que me perseguia sempre, tornou-se mais distante porque era difícil aceitar a troca de tudo o que eu havia conquistado, até então, pela precariedade, a sarjeta que sempre vislumbrou a vida de artista/pintor, na época – seria a marginalização. Por isso o momento para ser pintor – apenas pintor foi sempre aguardado para um melhor momento.

Nessa mesma época, e concomitantemente, freqüentava o Liceu de Artes e Ofícios, o Instituto de Ciências e Letras Inglesa (Redschow School), o curso de pintura e história da arte com Waldemar da Costa (no atelier da Av. Brigadeiro Luiz Antonio) – Charoux também era freqüente ao curso. Freqüentava também as aulas de modelo ao vivo da Associação Paulista de Artes Plásticas, Simione orientava, onde conheci Geraldo de Barros que também ???

² Em separata, Fiaminghi acrescenta: "O aprendizado de litógrafo compunha-se de desenho sobre o papel e só depois de um (1) ano passava-se a desenhar sobre a pedra – fazia-se estágio junto ao "pomizador" que preparava as pedras e junto aos "transportadores" os que processavam quimicamente as pedras já desenhadas para posterior, provas. Todo o aprendizado compreendia 4 anos". Fiaminghi permaneceu quatro anos na Cia. Melhoramentos.

Para Lydia, realizei algumas mudanças, pois
existem os textos. Também cortei
algumas partes iniciais e finais
Podemos conversar a respeito
Levando

Como litógrafo passei a ser um profissional muito requisitado devido a uma especialidade que era o desenho a crayon litográfico sobre zinco para a impressão de cartazes de grande tamanho (outdoor) e outros.

Ocorreram então várias mudanças de emprego devido a ofertas sempre mais vantajosas. Cia Ypiranga, depois Gráfica Lanzara, Cia. Siqueira onde criei um departamento para a especialidade que exercia e levei outros profissionais a meu convite – entre eles Alfredo Bontempo mais tarde meu sócio no Grafstudio Ltda. – 1946.

No Grafstudio tive a oportunidade de diversificar a minha atividade profissional.

No Grafstudio, além das artes gráficas, desenvolvi trabalhos de publicidade, inicialmente para outras agências e departamentos próprios das empresas: Lever, Palmolive/Colgate, Lintas, Standard, Panam. Sempre no fornecimento de serviços de arte final. Ao mesmo tempo fazia o curso de publicidade na Associação Paulista de Propaganda onde me formei em publicidade.

Fiquei deslumbrado com a publicidade. Quando recebi o convite da Lintas Publicidade para dirigir seu estúdio de arte, não pensei duas vezes e abandonei o Grafstudio, minha própria empresa deixando-a ao Alfredo Bontempo.

A pintura, o velho ideal, era exercida só nos fins de semana ou férias ou a noite quando havia tempo.

A minha atividade na Lintas contribuía mais para o intelecto, isto é: O ambiente e relacionamento eram mais próprios para a atividade cultural e intelectual. Lá conheci Rodolfo Lima Martensen, Geraldo dos Santos, Joaquim Alves entre muitos outros. Mas foi Leopoldo Harr, de passagem rápida pela Lintas que me abriu os olhos para uma coisa que buscava a tempos na arte.

Eu achava que a opção definitiva para fazer só pintura e profissionalmente, deveria ser acompanhada de uma idéia de arte que não fosse a pintura pela pintura pura e simplesmente, de uma busca que caracteriza-se o meu próprio trabalho – que até então era por mim considerado como uma grande fase de estudo, talvez, um pouco longa demais para amadurecer. Eu já pintava há 10 anos e não estava convicto do meu caminho na arte.

Pintava como muita gente já pintara – impressionista – por isto achava que não valeria a pena forçar uma atitude de ruptura, era preciso aguardar um momento próprio que deveria ocorrer e aí sim não perder a oportunidade.

Com Harr, a nossa conversa era a arte, foram poucos esses momentos, mas suficientes para detonar em mim a opção quase que definitiva.

Harr falava de arte construída sem muita alusão a conteúdos. Sua escultura era uma construção.

Eu não sabia como mudar e me angustiava com o impasse. O cubismo não me agradava, a desfiguração não era o meu caminho. No abstracionismo o que não me agradava era a cor sempre esmaecida, entonada e o excesso de formas ainda de representação. Diante desse conflito somados ao conflito de ter ganhar a vida com a publicidade, mais de uma vez pensei em largar tudo e entregar a alma ao diabo.

A insistência levou-me a experimentar na publicidade aquilo que deveria experimentar na pintura, isto é: simplificar a forma e limpar as cores – trabalhar um pequeno número

de cores. Em 1950/51 foi me encomendado um folheto e um cartaz, papéis de carta para a Escola de Propaganda do Masp do diretor Pietro Maria Bardi.

Elaborei como tema uma forma dinâmica de evolução ascendente para a capa do folheto e o cartaz, para os papéis de carta duas formas horizontais. As cores eram três: preto, cinza e amarelo puro.

Esta experiência animou-me para outras e passei a exercitar vários estudos. Abandonei a pintura no campo, paisagista – passei ao trabalho só de estúdio. Pintava no estúdio. Voltei a freqüentar o ateliê de Waldemar da Costa (Rua João Adolfo) 1952 (3?).

Esse comportamento durou 3 anos de 1951 a 1954. Larguei tudo, desta vez, a publicidade.

Em 1955 o resultado desse longo período detonou com o que eu não sabia existir até IIIª Bienal onde participei com 2 trabalhos, - a arte concreta. Um desses trabalhos foi inspirado na forma dinâmica de evolução ascendente do folheto e do cartaz que fiz para o Masp. Essa obra teve o título de Elevação Vertical com Movimento Horizontal, foi premiada com a Grande Medalha de Prata do Salão Paulista de Arte Moderna de 1955.

A publicidade era desempenhada "free-lancer" para sustentar o pintor e a família. Foram muitas noites de trabalho, não era mais possível parar com a pintura agora definitiva e definida acompanhada de uma idéia de arte com[o] eu a queria.

O momento oportuno tinha ocorrido e esteve prestes a escapar se não fosse a intervenção do amigo Valentino Cai em levar aquelas duas obras para inscrevê-las na Bienal – eu alegava falta de tempo, mas na verdade eu estava inseguro porque duvidava que o júri da Bienal aceitaria aqueles trabalhos de formas simples e a duas e três cores e de títulos complicados como Elevação Vertical, Seqüência de Curvas, Alternado 1 etc. os tempos eram outros, hoje os títulos são comuns.

Por outro lado eu também não sabia em que tendência esses trabalhos se situavam, nunca ouvira falar em arte concreta e nem sabia de sua existência. Para mim tudo era abstrato o que não era figurativo. Teoricamente sobre arte moderna eu havia lido pouca coisa, tinha pouca informação, o máximo que atingia com os meus conhecimentos de história da arte, era até o abstracionismo de Kandinsky, o cubismo de Picasso, o impressionismo, expressionismo e o meu preferido van Gogh. Eu era vidrado em van Gogh, portanto situar-me numa obra construtiva que foi enquadrada pela crítica na tendência concreta e elogiada como eu sendo (?) uma revelação, na época, considero um verdadeiro milagre, milagre que muito me estimulou e que me estimula até hoje mas, que também me escraviza, porque nada tem sido fácil e os tempos se tornaram "bicudos" neste Brasil que agora, eu aos 64 anos, não me engano, suas crises políticas (algumas forjadas por interesses escusos) e econômicas, serram cancrôs crônicos incuráveis próprio de um país subdesenvolvido em que na América do Sul, o Brasil não é exceção e nem o único.

(Neste momento é tal a minha frustração que como civil e pintor me sinto pouco mais do que merda).

Casado com Mercedes com minha filha Maria Lydia nascida e Hermes por nascer (nasceu em 1955) não foi fácil manter a barra só de pintor, muitas voltas foram necessárias e muitas e muitas outras voltas ainda ocorreriam.

Em todo caso a idéia de publicitário “free lancer” dava para manter a ilusão que não estava abdicando da pintura. A esta altura exercia as duas atividades simultaneamente – o atelier num dos quartos da casa era o mesmo para as duas atividades. Quando as exposições estavam próximas, eu pintava. Este comportamento durou entre 1952 a 1956/57 com raras interrupções.

Em 1956 fiz a empresa P.A.P Primeira Agência Promocional com o Sr. Júlio Dasnas (?).

Foi ainda em 1956 que conheci Décio Pignatari. Antes porém, 1955, conheci Luís Sacilotto apresentado na Bienal por Valentino Cai. Sacilotto nos convidou na ocasião para freqüentar o Clubinho – Clube dos Artistas. No Clubinho as reuniões eram freqüentes entre os artistas concretos: Maurício N. Lima, Valdemar Cordeiro, Lothar Charoux (que vim reencontrar), Casimiro Fejer. O grupo compôs-se comigo logo no início com exceção de Valdemar Cordeiro que foi mais relutante com a minha adesão. Entendia-se, ele Cordeiro, o líder absoluto dos demais companheiros e eu teria que me submeter aos seus caprichos de “líder” o que a esta altura não me agravava muito pelo seu gênio intransigente.

Eu tinha todo o interesse em participar do grupo concreto e demonstrei, no correr do tempo, o respeito e a consideração que tinha pelos companheiros e suas obras. Colaborava no que podia em termos de adesão.

A arte concreta tornou-se para mim tudo o que desejava para a minha obra. Aprendi muito na convivência com grupo e no debate das idéias. Formávamos um grupo vivo e atuante, esclarecido politicamente e muito objetivo em suas postulações de arte. Cordeiro tinha o mérito da teoria sobre a arte concreta e nisto ele superava a todos – o que lia de manhã, “vomitava” a noite nas reuniões.

Em pouco tempo juntei uma literatura especializada em arte concreta – tudo e todos os livros e (ou??) artigos que a abordavam, foram noites e noites seguidamente de debates, de considerações e desconsiderações do que ouvia e lia.

O poeta concreto Augusto de Campos também comparecia às reuniões e Pignatari/Décio era constante depois de sua volta da Europa.

Décio, logo no início compôs comigo.

Mais tarde em 1960 fizemos a P.D.P. Agência de Publicidade.

Foram também tempos de muita boemia nas cantinas (Cantina 13 de Maio, na rua Santo Antônio) a mais freqüentada, no Clubinho dos Artistas e no bar do MAM na rua 7 de Abril. No MAM conheci Sergio Milliet, Oswald de Andrade em seus últimos tempos, Lourival Gomes Machado, Arnaldo Pedroso D’Horta.

As minhas brigas com W.C. foram de contundir a amizade que aos poucos cedeu lugar as magoas – só perdoadas após a sua morte muito prematura 48 anos.

[...]

Trechos do depoimento manuscrito de Hermelindo Fiaminghi. s.l. 1984, 16 pp. Arquivo Família Fiaminghi.